



Turismo Agridoce

Vivências de Visão

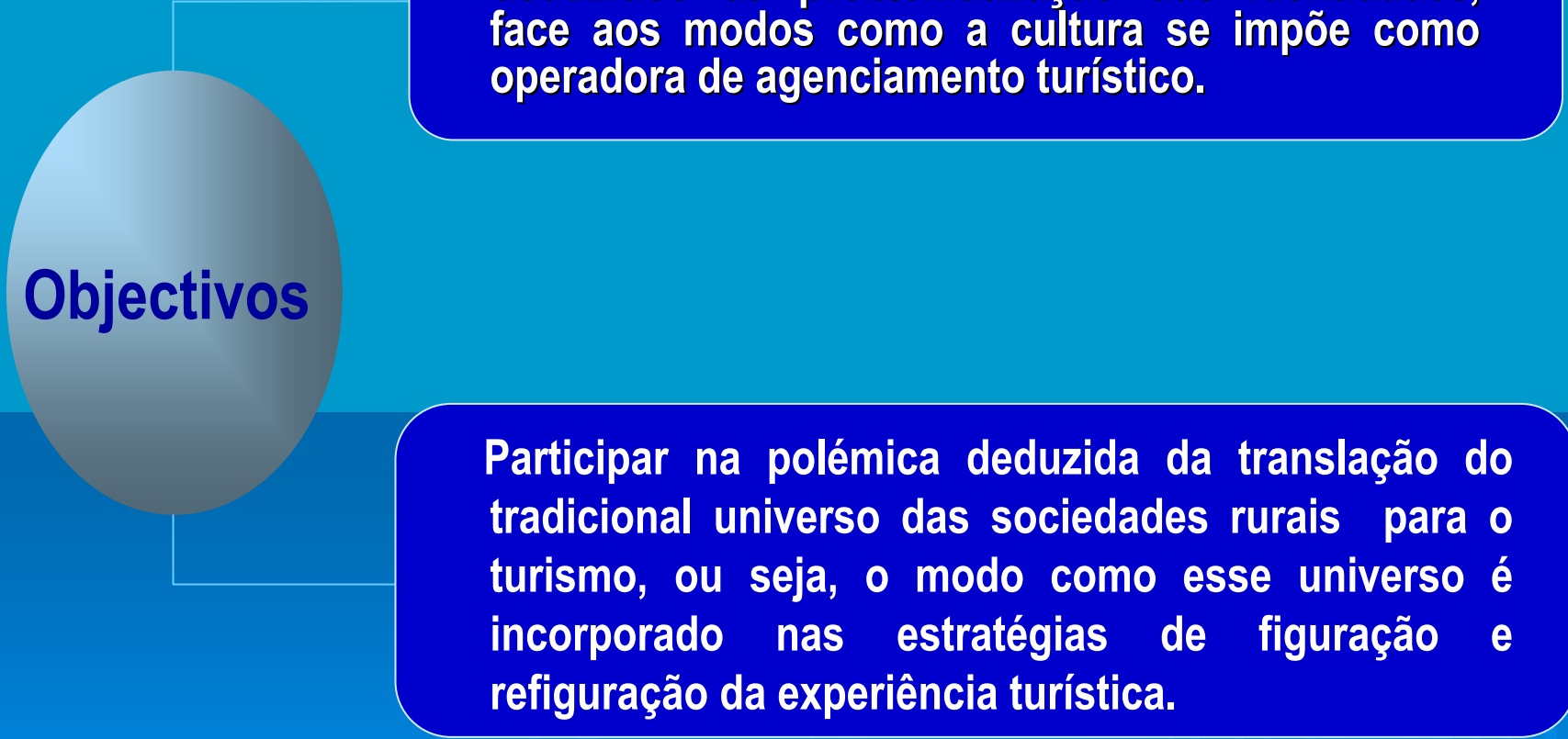
e

Divisão



Gostamos de receber os que nos visitam.
O seu agrado é a nossa maior motivação.

Aspectos centrais



Interpelar modos de ver os efeitos e consequências deduzidos da problematização das identidades, face aos modos como a cultura se impõe como operadora de agenciamento turístico.

Objectivos

Participar na polémica deduzida da translação do tradicional universo das sociedades rurais para o turismo, ou seja, o modo como esse universo é incorporado nas estratégias de figuração e refiguração da experiência turística.

Questões prévias

Como

Entender o rótulo ?

Estilização das translações sócio-espaciais, trabalhada por instituições que se apropriam do rural como objecto de representação estética, implicando-o em estratégias de mobilização da imaginação geográfica.

O que

Acontece à paisagem rural ao apossar-se dela uma poética campesina do imaginário citadino, que aí projecta paraísos recuperados?

Quem

Mobiliza quem, o quê e como?

Antinomias analíticas

Quanto às suas implicações: económicas, sociais e culturais.

Experiência tão mágica quanto controversa.

Faz “despertar” pequenas comunidades rurais esquecidas pela história que, subitamente, se descobrem detentoras de capitais lúdicos.

Sobre ela impendem processos de apropriação cultural relativos aos modos de consumo do objecto turístico, sobressaindo a polémica das transformações identitárias operadas nas culturas locais.

Trivialização e desqualificação

versus

Revitalização e desenvolvimento culturais

Horizontes dissonantes quanto ao papel estrutural da experiência turística na modelação cultural da paisagem rural.

Turismo, globalização e complexidade cultural

**Tensão
homogeneização
heterogeneização
culturais**

Inconciliável com a estabilização das identidades

Elementos propulsores da deslocalização dos indivíduos - as novas tecnologias.

Actualidade filtrada pelo fascínio dos *média*, e “*imersa no fluxo de um tempo virtual, de imagens virtuais*”, difusores de modelos mitográficos que simulam a natureza, o imaginário e o simbólico.

Velocidade que problematiza o nível de profundidade do novo regime de circulação da cultura, com a inevitável crise das representações que se instala num contexto da perda de referência do real.

Em crise

- “a verdade e o mundo, a significação e a comunicação”
- submissão do mundo ao jogo de imagens ilusórias do desaparecimento do real.

Campo de batalha
Imperativo de afirmação desse real, reflectido na interpelação do local pelo global.

Turismo e mudanças identitárias

Experiência marcada por uma forte centralidade da requisição estratégica da cultura como esfera de transacção implica mudanças na coexistência humana.

Idioculturas - “sistema de conhecimentos, crenças, comportamentos e costumes partilhados pelos membros de um grupo e a que estes recorrem como referência e como base de interacção”.

Transformações

Repercussões

das
imagens identitárias
dos territórios

da
memória colectiva
e social dos povos

no olhar das
comunidades receptoras
sobre si mesmas

Cenário

Posições diversas sobre a influência
do turismo nas identidades locais.

Polemos

Turismo e mudanças identitárias

Trivialização
desqualificação

versus

Revitalização
desenvolvimento
cultural

Fios condutores

Apropriação
identidades locais
pelos turistas

Falsificação
das identidades

Hipostasia
da cultura

Regeneração
identidades locais
produção simultânea
novas identificações
“glocais”

Convergências

Perturbação
sistemas de representação
pelo local e o global

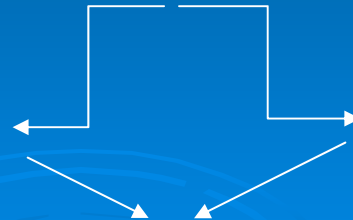
Reavaliações plásticas
de fronteiras
interiores e exteriores

Forjar das categorias
identidade e alteridade

Relações turismo - cultura



Processos de reconversão, orientados para uma activação da memória com recurso a celebrações e a rituais induzidos.



Cultura situacional face às visitas, transfigurada. Vale pelo espectáculo, emoções que desperta, pelas evocações que transporta.

Não por um significado de que seja portadora

Transfigurações da cultura

Objectivação

“A ideia fundamental que quero transmitir é a de se ver a cultura como uma coisa: um objecto ou uma entidade natural feita de objectos e entidades (traços)”.

Richard Handler, *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*, p. 14.

Culturização

Prática monumentalizadora de elementos de carácter arqueológico, histórico e/ou etnográfico, por vezes insignificantes, inconsistentes ou até falsos [... que se explicam] pela força e, ao mesmo tempo pela fraqueza que a cultura parece ter vindo a adquirir na luta contra os interesses puramente económicos”.

Paulo Castro Seixas, *Outros Mapas: Impactes Socio-culturais e Antropologia de Urgência*, p. 54.

Cenário

Expansão do mercado de bens culturais e das indústrias do lazer.

Sensibilidade romântica nascida com a modernidade.

Instâncias de vinculação identitária em falha.

Transfigurações culturais

Possibilidades

Práticas de “conservação”, “recuperação” ou adaptação a modelos tradicionais que, sem o conjunto de práticas sociais conformes, boa parte tombaria no esquecimento.

Representações mobilizadas construídas por agentes exteriores e ascendentes aos grupos – social, económica, política, cultural.

O que se exhibe como “cultura” - imagem de fragmentos do passado, equívoca porque construída numa relação que destrói o próprio “Outro” que exalta.

Dominação

Arcaísmo

Limites

Encenação

Pseudo cultura

Uma variante de compressão identitária. Imitação ou revivalismo dos estilos de um período anterior de uma cultura própria.

Paisagens, monumentos, etnias, folclore, recenseados como património turístico, deixam de ser práticas sociais efectivas, expressões tradicionais de celebrações ritualistas das comunidades.

Conservação por supressão

Entre lugares e espaços turísticos

Lugares

Espaço “relacional, histórico, provido de identidade”
Produto dos produtores culturais
Lugar de memória
repositórios de significação

Partilha de certos padrões de interacção no comportamento quotidiano. Interessa menos traços culturais atribuídos do que as próprias características de auto-atribuição.

Espaços etnoturísticos

Pseudo-comunidades para atracção turística. Membros comunidades, inseridos em actividades turísticas.
Cenário de preservação artificial das culturas

Fronteiras podem ser mais amplas e ambivalentes, quer relativamente ao espaço que delimita o campo turístico, quer ao da comunidade local

Espaços turísticos

Espaço social onde ocorrem interacções geradas pela actividade dos agentes turísticos.
Espaço de trajecto, arquitectura de trânsito e impermanência

Não-lugar criado pelos utilizadores, como realidade mais figurativa que literal. Traduz formas de vivência sobrecarregadas por uma estrutura semiótica ajustada ao olhar turístico, onde as coisas são lidas como signos de si próprias.

Plasticidade de fronteiras entre espaços turísticos e lugares antropológicos, um caldo cultural cruzado como domínio híbrido das referências, investido de uma oscilação sensual entre o interior e o exterior.

Metamorfoses do Espaço Rural

Pluriactividade

Agropecuária

Combinação

Outras actividades
não agrícolas

Não se identifica mais com as tradicionais actividades agrícolas apenas

Embrulho publicitário

Procura do meio rural
como
recreação # espaço de vida e de

Reconhecimento de funções de apoio
à qualidade de vida e ao bem-estar social,
ligadas a experiências estéticas,
culturais e de identidade proporcionadas
pelas paisagens do campo.

Territórios rurais passam a estar associados a actividades orientadas para o consumo.

Lazer
Turismo
Prestação de serviços
Conservação da paisagem

Palco de competição
entre vários usos. O mundo rural está
tornar-se o figurino da urbe

Palco de competição

Actores de diferentes áreas provocam conflitos que reflectem os confrontos entre concepções distintas a respeito dos usos diversos dos espaços rurais.



Impactos

“Se não fosse o turismo isto estava morto; o turismo desenvolve a aldeia, traz dinheiro e ajuda à fixação da população

“O turismo é o que vale à aldeia: traz dinheiro e ajuda a desenvolver o comércio e a preservar o castelo e os monumentos”

“O lado mau do turismo é que isto deixou de ser nosso. Não se percebe que a natureza digna de ser protegida seja aquela em que os estranhos e o Estado imponham a sua visão do mundo rural, quase sempre em choque com as nossas necessidades, substituindo as nossas actividades por outras

“O turismo é bom para a aldeia, para a freguesia e a região porque traz emprego e dinheiro, sobretudo ao nível do alojamento, da restauração e do artesanato”.

“Uma coisa má do turismo foi que pôs os preços da venda e de renda das casas e espaços comerciais muito altos. Como se não bastasse, de produtores de alimentos passámos a guardadores de paisagens e memórias.

“Há aí pessoas da terra, donos de restaurantes, lojas de artesanato e casas de hospedagem, que deixaram de se falar ou dizem mal umas das outras”.

Possibilidades

Uma ideia de TER contributivo da protecção do meio ambiente e do melhoramento da qualidade de vida local e regional.

Um TER que encaminhe protecção e valorização dos recursos culturais e humanos.

Se deixado ao livre jogo do mercado, crescerá na razão inversa da qualidade e tipicidade requeridos.

Limites

A enunciação do rural como território competitivo e consumível tende a ser antagónica de um rural participado.

Zonas fragilizadas que reforçaram a sua função de reserva de espaço ecológico, patrimonial e cultural, na conta da fragilização da sua coesão social.

Zonas demograficamente deprimidas e envelhecidas têm fraca capacidade de influenciar os poderes financeiro, político, económico e cultural.

Requisitos

Correcção dinâmica zonas deprimidas requer estratégia de desenvolvimento territorializada e globalizante, que permita a requalificação do rural sem instabilizar a pluralidade de identidades, mantendo equilíbrios relações indivíduos natureza.

Apoio do Estado, privilegiando de parcerias com as comunidades locais como principais protagonistas do desenvolvimento do território

O “*empowerment*” das populações nos projectos de desenvolvimento turístico local.
Redes solidariedade informal.

O aumento de rendimentos paralelos à agricultura através do chamado turismo verde: turismo em espaço rural.

A valorização de recursos humanos, energéticos locais e renováveis.

Intervenção integrada supõe:

A valorização das actividades agrícolas favoráveis à sobrevivência de espécies selvagens, ou de raças autóctones, de paisagens e tradições.

A valorização de produtos locais garantidos e naturais.

O desenvolvimento de estruturas assistenciais, de saúde e de sanidade pública.

A renovação de aldeias obras de infra estruturação com efeitos na construção civil e nos serviços arquitectónicos.

Esforços de revitalização

Transferências propriedade e desfrute, originando “áreas snob”, desvirtuadoras do processo de conservação dos espaços, desviando-os da sua função original.

Preservação reservista das áreas naturais

traduzida num arquivismo museológico, operado na invenção dos “parques e reservas naturais”

Caso contrário

Espaços conservados

como uma “espécie de ecologia sem sociologia”, salientando que “não se trata de zonas intactas, impolutas, senão de vastíssimos zoológicos, com limites claramente definidos.”

Arquivismo activista

Sugere que, “para lá dos prazeres obsessivos da salvaguarda dos objectos aparece um movimento de consagração de todos os signos culturais [...] Nada parece escapar a essa empresa de arquivo e classificação [...] pelo que] as palavras «património», «memória colectiva» ou «identidade cultural» perdem o seu poder conceptual ao tornarem-se expressões vagas que acabam por designar o esgotamento do seu próprio sentido”.